

## **Violência Baseada no Género em Moçambique**

### **Número de casos continua preocupante**

(Maputo) Em Moçambique, a violência contra a mulher e rapariga atinge grandes proporções e diversas formas, sendo as mais comuns, a agressão física, a violência sexual, uniões forçadas e outras formas que atentam contra a liberdade e autonomia de mulheres e raparigas. Globalmente, pelo menos uma em cada três mulheres sofre qualquer forma de violência, uma realidade que deixa marcas profundas, atingindo a sua integridade física, psicológica e dignidade. Onélia Felipe, mãe de dois filhos, é uma das mulheres que, infelizmente, passou por uma situação de violência, durante os 10 anos em que esteve casada. Até foi parar num centro de acolhimento, como uma das formas de procurar ajuda para travar o seu agressor. “Casei-me em 2008, e tivemos uma filha, mas não nos entendíamos. Tivemos a segunda e a vida continuou a mesma de violência, ele sempre me batia. A família vinha falar comigo, a pedir para não levar o caso aos tribunais, mas ele nunca mudava. Foram 10 anos a vivermos em brigas. Sempre me batia, me violentava de qualquer maneira e eu perdoava porque eu o amava e queria lar, queria ficar com ele. Mas ele me violentava mesmo sem eu fazer nada”, contou. De acordo com os dados disponíveis, em 2019 foram registados 21.517 casos, dos quais 2.510 contra homens, 11.487 contra mulheres e 7.046 contra crianças. Já no ano seguinte, 2020, houve registo de 18.554 casos, subdivididos em 1.979 contra homens, 9.754 contra mulheres, 6.129 contra crianças e 692 contra idosos. São números que compulsados, correspondem a uma redução de 13.8 por cento de um ano para o outro. Mesmo assim, apesar de se ter verificado uma redução dos casos de 2019 para 2020, o Fórum Mulher considera que a situação da Violência Baseada no Género (VBG) no país continua a conhecer contornos alarmantes. No geral, o número de casos é ainda preocupante, sobre tudo por se verificar, nos últimos tempos, uma intensificação de violência a pessoas idosas, tal como ilustra o número de vítimas em termos de categoria. “Ultimamente estamos a verificar que, para além daquelas formas de violência que eram mais visíveis, mais conhecidas, que são a violência física grave, simples e psicológica, começamos a ver muitos casos de violação sexual contra mulheres, raparigas menores de idade, contra bebés e, inclusive pessoas idosas. Começamos a ter violência ate que configura crimes hediondos, temos estado a acompanhar, com muita tristeza, que há muitas mulheres que estão a ser mortas pelos seus parceiros íntimos”, enfatizou Graça Júlio. Além das questões já referidas, a coordenadora elucida que a violência causada na via pública é definida como insegurança pública, o terrorismo que se vive em Cabo Delgado onde as mulheres desenvolvem um medo de se fazer à rua, por temer algum tipo de violação, tanto no período diurno como no nocturno. Lamentou o facto de não haver um só dia em que não se reporta um caso de uma mulher que tenha sido assassinada, ou encontrada morta, mas que antes disso, foi estuprada. “É preocupante esta situação porque, apesar de todo o trabalho que estamos a fazer como sociedade civil, com esta abertura toda, a falar-se mais da VBG, parece que gera mais resistência do lado do agressor que procura contrariar esta situação. Parece que eles estão numa posição defensiva, pois como as mulheres estão a ganhar consciência, eles querem fazer valer a sua masculinidade”, esclareceu. Segundo uma análise da FEMNET, a crise da pandemia da Covid-19 criou alguns desafios novos e sem precedentes para as mulheres. Há sinais de se ter exacerbado o nível de violações dos direitos dessas mulheres, uma das quais relacionadas com a redução das capacidades de produção de renda por parte das mulheres. Barreiras no combate à violência Passados mais de dez anos após a aprovação da lei 29/2009, o Fórum afirma que ainda há muito a fazer para a mudança do cenário actual, isto numa abordagem de redução clara e significativa de casos da Violência Baseada no Género. “E também temos a frustração, pois nossa lei é muito branda, e as pessoas pensam que há muita impunidade, o que desencoraja as pessoas a denunciar, pois o agressor não cumpre pena. Mas esta é a situação real e estamos a trabalhar para reverter o quadro. Claro que nenhuma lei é perfeita. À medida que ela é implementada vão sendo identificadas lacunas e aspectos muito importantes que precisam ser alterados, revistos e melhorados”, clarificou. Um outro desafio apontado reside na forma como os meios de comunicação transmitem a VBG. Nisto, Graça Júlio criticou o facto de alguns meios procurarem culpabilizar as vítimas, trazendo, na maioria dos casos, a versão do agressor e tentar encontrar justificações para estes actos. Mensalmente, são atendidas no Fórum, 10 a 15 pessoas dependendo do período, sen do que as mesmas, após serem atendidas são encaminhadas directamente aos gabinetes, e em alguns casos para os tribunais. **(Cleusia Chirindza)**

**Mediafax, 25.10.2021, Pág. 04/05, Ed. Nº 7434**